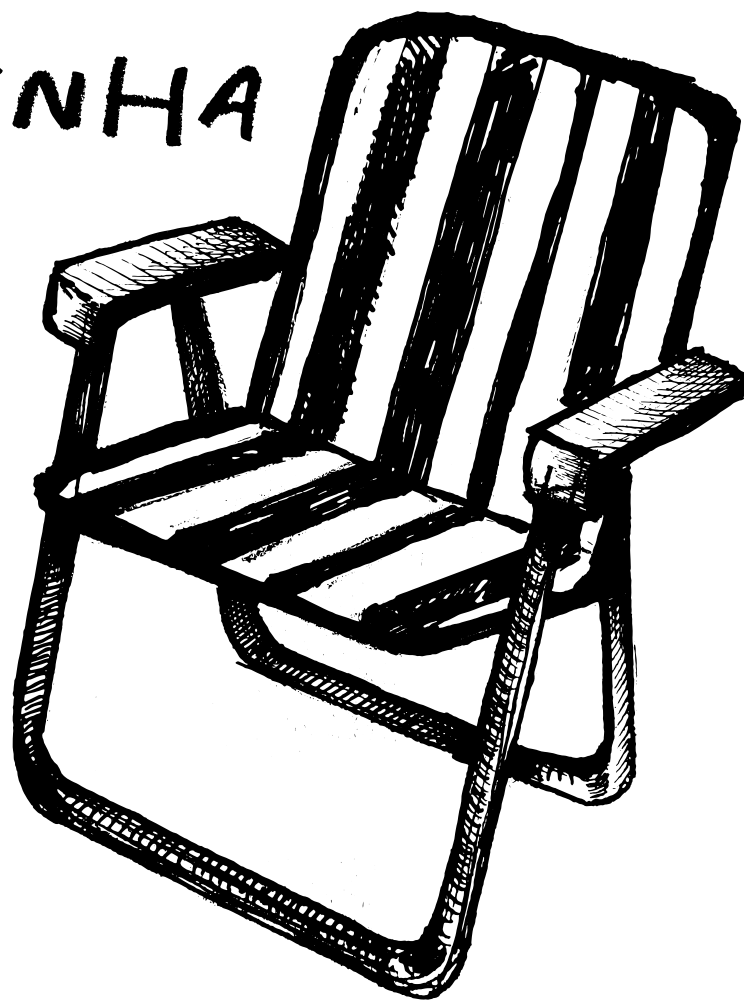


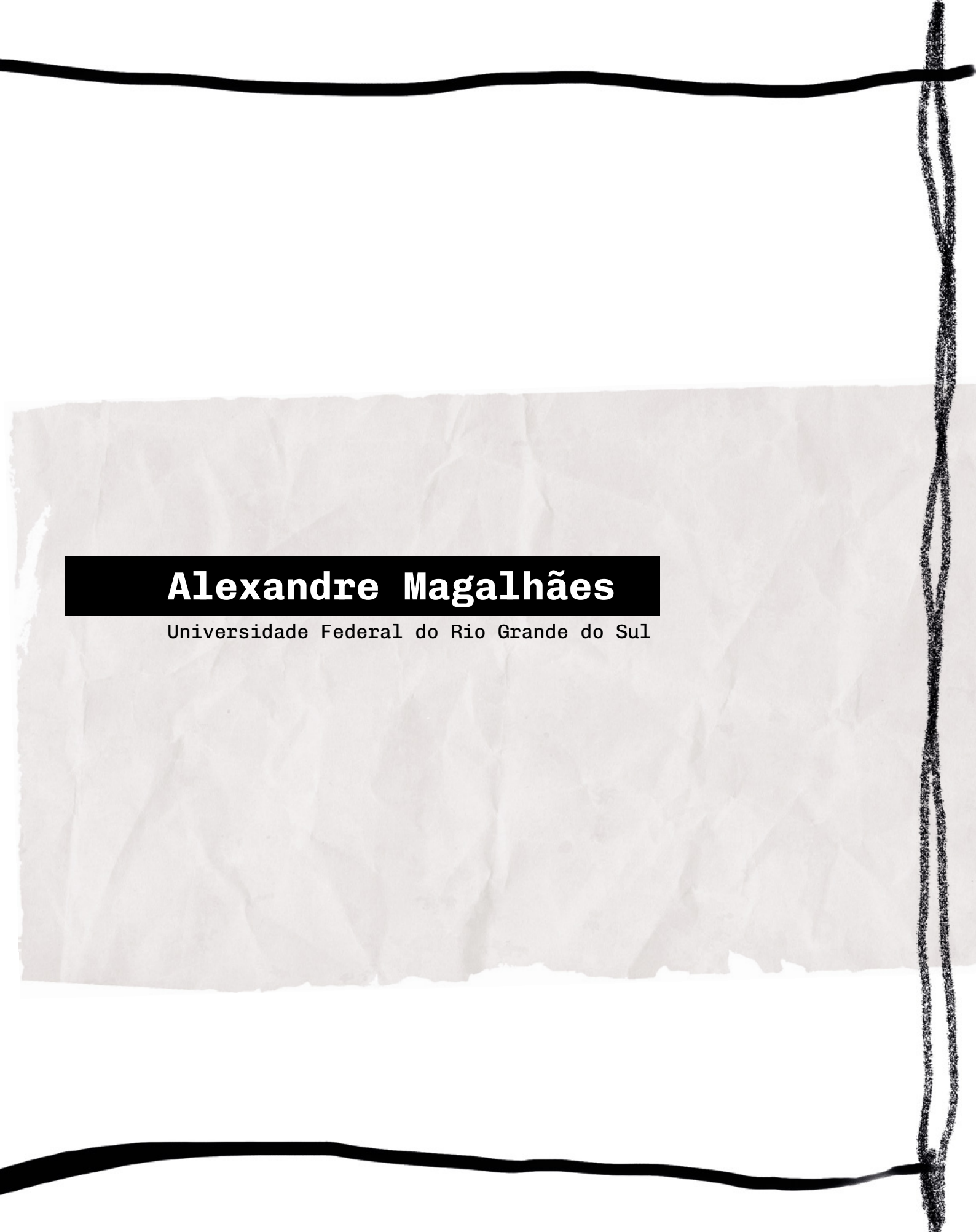
RESENHA



Violência, cotidiano e sociabilidades:

**a descida ao ordinário para pensar
a emergência e o caso das UPPs
no Rio de Janeiro**

Livro: *Entre o fogo cruzado e o campo minado: a pacificação de favelas cariocas* -
Palloma Valle Menezes (2023)



Alexandre Magalhães

Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Não é comum num texto acadêmico, mas gostaria de iniciar esta resenha a partir de uma perspectiva pessoal. Conheço Palloma Menezes desde a graduação em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, num encontro que completou exatos 20 anos no momento de lançamento do livro ora resenhado. Ao longo desse período, passamos juntos na seleção para o mestrado em Sociologia no antigo IUPERJ e também para o doutorado. Acompanhamos a transição para o atual Iesp-UERJ. Trabalhamos juntos na *Urbadata-Brasil*,¹ à época conduzido por Lícia do Prado Valladares e Raíza Siqueira, que infelizmente nos deixaram recentemente.

Em todo esse período, pude ver o crescimento intelectual da Palloma. Desde a graduação, ela sempre foi uma pessoa e uma pesquisadora interessada, inteligente, perspicaz, demonstrando uma capacidade de trabalho impressionante. Além disso, quem a conhecia destacava recorrentemente o quanto gostava dela, como pessoa e intelectual. Palloma sempre encantou as pessoas por onde passou!

Feito esse rosário de elogios, lançarei agora algumas notas sobre a obra aqui em consideração. Não é meu objetivo esmiuçar o livro, mas destacar alguns aspectos que me parecem fundamentais desta que já é - podemos dizer sem medo - uma obra de referência para o campo dos estudos da violência e do urbano.

Uma primeira questão para a qual gostaria de chamar a atenção é o fato de que, de uma maneira muito refinada, cuidadosa e a partir de uma perspectiva multidimensional, Palloma dá continuidade a uma linha-gem de pensamento no campo da sociologia urbana/violência para a qual a dimensão das sociabilidades é fundamental.² Isto é, a possibilidade de apreensão das

LAE

v.4 n.1

p. 338-345

2025

ISSN: 2965-4904

DOI: 10.9771/lj.v4i0.70767

diferentes dinâmicas e processos urbanos se amplia e se complexifica na medida em que direcionamos nossos corpos em investigação para as diversas camadas, ritmos e intensidades constitutivas das variadas interações que diferentes atores, em diferentes espaços e tempos, conformam entre si na cidade. Nesse sentido, a dimensão do cotidiano, em que essas sociabilidades se tecem, torna-se a pedra angular das análises feitas por Palloma.

A sua opção por *descer ao ordinário* - tomando aqui de empréstimo a arguta expressão da antropóloga Veena Das (2020) - no sentido de apreender a emergência da então “nova” política de segurança pública no Rio de Janeiro a partir do modo como esta foi experienciada e experimentada por moradores, traficantes e policiais, foi uma estratégia que, se não podemos dizer que seja exatamente nova no campo da socioantropologia da violência, certamente foi enriquecida e ampliada com suas finas articulações teóricas, analíticas e metodológicas.

Nesse sentido, não à toa o fio teórico que atravessa e articula – por que não dizer, costura - toda a discussão do livro é a do pragmatismo. Não exatamente aquele retomado e transformado pelos franceses (ou pelo menos não somente), mas o “velho” pragmatismo de origem norte-americana, especialmente na pena de John Dewey (e umas pitadas de William James). Aqui se deu um encaixe fundamental das análises feitas por Palloma, influenciada direta e indiretamente pelo pensamento de Machado da Silva: o evento Unidades de Polícia Pacificadora, que irrompia repentinamente na vida dos moradores de favelas do Rio de Janeiro em 2008, produziu uma quebra das rotinas regulares de vida, embaralhando ou mesmo desfazendo as referências morais, cognitivas e materiais com as quais “liam o ambiente da favela”, mas também organizavam as relações de todos os dias.

Um dos ensinamentos do velho pragmatismo é o que chamam de *consequencialismo*, ou seja, o interesse de qualquer investigação se encontra nas consequências, nos efeitos das ações. Palloma seguiu essa pista e buscou, maravilhosamente, acompanhar, na trama da vida cotidiana, como esse evento reconfigurou, não sem conflitos, o modo como moradores (mas também traficantes e mesmo policiais) produziam seu cotidiano, a UPP, o território e a própria cidade.

Como diz Palloma, mastigando Dewey, a *zona de indeterminação* gerada pela ocupação policial abriu um horizonte de dúvidas e questionamentos. Para lidar com tal ambiente de incertezas, todo um esforço de investigação foi necessário para tentar

reenquadrando a nova situação em uma moldura que tivesse novamente sentido. Ou seja, para produzir uma nova rotina. É aqui que se encontra, igualmente, as influências "machadianas" no trabalho realizado por Palloma: a possibilidade de compreensão das modulações do conflito urbano contemporâneo, marcado pela *linguagem da violência*, a partir dos efeitos que produz sobre as rotinas de vida, especialmente daquelas pessoas que habitam favelas e periferias. Mais do que isso, o rompimento constante destes cotidianos estabelecidos (seja pelas operações, seja pela ocupação militar) produz consequências muitas vezes mortíferas a estas cidadãs e cidadãos brasileiros, redefinindo suas chances de vida e limitando seu acesso aos bens e serviços de cidadania, expressando a *cidadania de geometria variável* (LAUTIER, 1997) tão caracterizadora de nossa formação sócio-histórica.

Além disso, o livro de Palloma nos permite apreender outro aspecto, pela mesma angulação teórica-analítica: uma análise da ascensão e queda de uma política pública desde "baixo", ou seja, desde as filigranas da vida cotidiana, dos seus modos de operação prática (e não presumidos), em seus pontos de incidência. Tal observação não é trivial: ainda hoje é muito comum ao conjunto das análises sobre políticas públicas uma perspectiva normativa e "legalista", caracterizada por um ponto de partida marcado mais pelo "dever ser" do que exatamente pelo "que está sendo". Aqui visualizamos outra influência pragmatista e "machadiana": os processos sociais são abertos, dinâmicos, relacionais e estão sempre "se fazendo". Eles podem produzir cristalizações temporárias, mas não se fecham, não encontram um "ponto final". Por esse motivo estão fadados à mudança e à transformação.

Seguindo nessa mesma linha, mas sob o paradigma das mobilidades, o livro de Palloma nos convida a observar como tal processo é profundamente influenciado pelos fluxos e dinâmicas que atravessam diferentes escalas e contextos sociais. As políticas públicas de segurança, mais do que estruturas fixas ou normativas, emergem como enredos móveis, moldados por redes de interações que conectam atores, recursos, infraestruturas e significados em constante deslocamento. Essa abordagem permite compreender como as práticas cotidianas, marcadas por certos ritmos e trajetórias, revelam não apenas as condições de implementação de políticas, mas também suas fricções e resistências.

Assim, a *experimentação necrobiopolítica* expressa pelas UPPs aparece em seus efeitos, e não como algo estático, que se imporia de uma vez por todas sobre as populações moradoras de favelas, mas como em construção constante e também alvo

de críticas recorrentes. A ascensão e queda das UPPs, portanto, apenas se tornam compreensíveis na medida em que são vistas desde uma perspectiva processual e relacional, ancorando-se no cotidiano e nas sociabilidades que tornaram possível sua legitimação (ainda que limitada) inicial e sua posterior decadência e derrocada.

O que o livro de Palloma nos permite perceber é como qualquer política assentada no uso da força, da violência e da vigilância não será recebida sem resistências por parte daqueles e daquelas que são seu alvo preferencial. Os processos de investigação e contravigilância empreendidas pelos moradores, individualmente ou por meio de seus coletivos, que expressam suas competências cognitivas e morais, mostraram como estas pessoas precisam estar, recorrentemente, "ligadas" para lidar com novas situações que irrompem e desarticulam o tecido da vida cotidiana.

Para quem mora em favelas, especialmente as do Rio, os períodos de tranquilidade são relativos e não duradouros. Mesmo durante a ocupação feita pelas UPPs, em que um período de "paz" teria se aberto, as tensões e conflitos nunca deixaram de existir. Pelo contrário, assumiram novos formatos. Mas a desconfiança e mesmo o medo sempre pairaram no ar. É sobre isso, entendo, que se trata o trabalho de Palloma: como é possível contornar a "vida sob cerco", a "vigilância", os regimes do "campo minado" e do "fogo cruzado" e produzir outras linhas de vida, em que o respeito à rotina, ao habitar a cidade e à vida sejam efetivamente garantidos



Notas

1 Banco de dados sobre o Brasil urbano, hoje situado na Universidade de São Paulo e coordenado pela professora Bianca Freire-Medeiros

2 Machado da Silva (2002, 2008, 2010); Márcia Pereira Leite (2008, 2012); Gabriel Feltran (2011);

Referências

DAS, V. **Vida e Palavras**. A Violência e sua Descida ao Ordinário São Paulo: Editora da Unifesp, 2020.

DEWEY, J. **Logic: the theory of inquiry**. Nova York: Henry Holt, 1938.

FELTRAN, G. de S. **Fronteiras de tensão**:

política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

JAMES, W. **Pragmatismo e outros textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LAUTIER, B. Os amores tumultuados entre o Estado e a economia informal. **Contemporaneidade e Educação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 59-91, maio 1997.

LEITE, M. P. Violência, risco e sociabilidade nas margens da cidade: percepções e formas de ação de moradores de favelas cariocas. In: MACHADO DA SILVA, L. A. (org.). **Vida sob cerco**: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

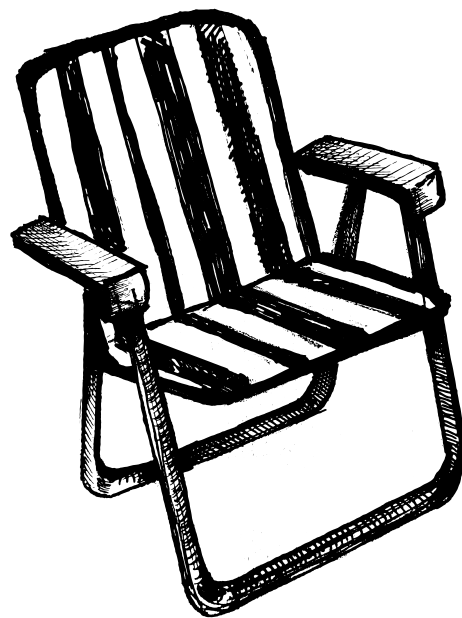
LEITE, M. P. Da "metáfora da guerra" ao projeto de "pacificação": favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 374-389, 2012.

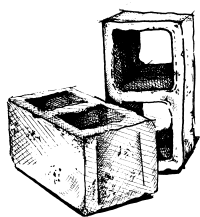
MACHADO DA SILVA, L. A. A continuidade do problema da favela. In: OLIVEIRA, L. L. (org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

MACHADO DA SILVA, L. A. (org). **Vida sob cerco**: violência e rotina em favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MACHADO DA SILVA, L. A. "Violência urbana", segurança pública e favelas: o caso do Rio de Janeiro atual. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 59, p. 283-300, maio/ago. 2010.

MENEZES, P. V. **Entre o fogo cruzado e o campo minado**: a pacificação de favelas cariocas. Rio de Janeiro: Edufrj, 2023.

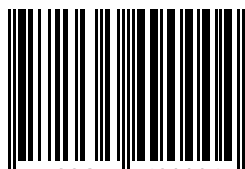




LAJE

Laje é uma publicação do ¡DALE! – Decolonizar a América Latina e seus Espaços, grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Dedicar-se ao giro decolonial latino-americano, às epistemologias do sul e à descolonização do conhecimento, priorizando uma produção transdisciplinar em interseção com diferentes dimensões do urbanismo, da paisagem e da arquitetura.

ISSN: 2965-4904



9 772965 490004

ISSN: 2965-4904